




[Edição do Dia](#)
[Cidades](#)
[Economia](#)
[Agronegócio](#)
[Brasil](#)
[Eu no JL](#)
[Classificados](#)
[Empregos](#)
[Cinemas](#)
[Horóscopo](#)
[Blogs](#)
[Colunas](#)

Blogs

Jornal de Londrina >> Blogs >> Com o Perdão da Palavra



Paulo Briguet

Com o Perdão da Palavra

E mais não digo porque não sei

> Quem faz o blog

> Anteriores

Escolha o mês

O muro dentro da alma

15 de Abril de 2012 - 21:40 hs

🗨️ comente esta notícia

👍 Curtir

🐦 Tweet 0

👍 +1 0

📄 Compartilhar 1

Em 2010, o escritor Karleno Bocarro publicou o romance "As almas que se quebram no chão" (É Realizações, 336 páginas). O livro conta a história de alguns estudantes brasileiros que moram na Alemanha Oriental durante a queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989, e o rumo de suas vidas após esse acontecimento. Parte da narrativa se baseia nas experiências pessoais do autor, que migrou para a Alemanha comunista pouco antes da queda do Muro, como bolsista universitário. Karleno presenciou a derrocada do modelo soviético no Leste Europeu, bem como as consequências desse fato histórico na vida dos alemães orientais e dos estrangeiros que viviam no país socialista. O enredo de "As almas" focaliza as trajetórias de três jovens – Marco, Barad e Bocas – que parecem realizar as palavras demoníacas do jovem Marx: "Por que bramem as ondas? (...) Para que elas, com um estrondo, se quebrem no rochedo; para que a alma se quebre no chão do Inferno". É a epígrafe de um livro sombrio e devastador.



Antes mesmo da publicação de "As almas", Karleno Bocarro já escrevia um novo romance, movido por uma incontrolável ânsia de expressão artística. "A questão não é de sucesso ou fracasso, mas de necessidade: eu não saberia viver sem literatura", diz o autor. "Ela é o ar que respiro!" Após um longo período de gestação, Karleno prepara-se para lançar "O Advento", seu segundo romance, que se passa no Brasil atual – um país que, estranhamente, guarda semelhanças com a Alemanha pós-Muro. A seguir leia os principais trechos da entrevista com o autor:

Paulo Briguet: Qual a relação temática e estrutural dos dois romances – "Almas" e "O Advento"? São os dois primeiros volumes de uma trilogia? Há uma relação de causa e efeito entre eles?

Karleno Bocarro: Iniciei "O Advento" antes de ter certeza da publicação de "As Almas Que se Quebram no Chão". Mas sempre foi assim, e desde que retornei da Alemanha com o propósito de me tornar escritor: escrevi três romances antes de conseguir despertar o interesse de um editor. Devo ao Edson, meu editor, da É Realizações, a publicação do primeiro, mas que é o quarto da sequência acima. Ora, é preciso ter um coração de ferro, mas com reservas infinitas e profundas de paciência, para se viver sob a sombra constante do fracasso. Mas talvez eu esteja exagerado, a questão não é de sucesso ou fracasso, mas de necessidade. Eu não saberia viver sem a literatura. Ela é o ar que respiro! Mesmo assim, alguma forma de recompensa, para tanto sacrifícios, deve existir; alguém que almeja a sabedoria não deve morrer à míngua, ou de loucura. A publicação (finalmente!) de meus romances torna o ar que respiro um pouco mais salubre, não? Pois bem, quando saí "As Almas", eu já tinha avançado 100 páginas de "O Advento"... O desafio era então colocar uma peça a mais para alcançar a altura do escritor perfeito. Quer dizer, eu não podia cair na insensatez de continuar retratando personagens envolvidos numa existência romântica de recusa a si mesmo, do "conhece-te a ti mesmo" socrático; que ao darem importância a uma vida sem compromissos abraçam a tolice como forma de vida. É claro que alguns tipos assim também estão presentes em "O Advento". Mas a discussão aqui é mais séria, o estilo deve ser ponderado; alguém no livro deve querer fazer algo de si mesmo, descobrir o sentido de "eleição" para afirmar com segurança: "Esta é a minha vocação, e ela é ética. Contribuí, ainda que pouco, para que as pessoas coloquem a lâmpada do candelabro à vista e ilumine um mundo tão difícil". Enfim, ainda que possa ser um livro igualmente sombrio, "O Advento" aponta para uma saída; há personagens que dizem "o que é bom" – estes têm a cabeça no lugar – e outros que fazem o que é louvável – estes, por sua vez, têm coração. E ambos são amostras de espírito superior, não é mesmo? Então, à medida que compunha o livro, eu via uma continuação aprofundada de temas e discussões, e a indicação para compor uma trilogia. O grande feito será encerrá-los num terceiro volume, cujo o título é "O Bosque do Meio-Dia".

Paulo Briguet: Hoje mesmo comentei com um amigo: "O Diabo está solto no mundo". Bocas fugiu na hora H. Ele reaparece, sob outras formas, no "Advento"?

Karleno Bocarro: Bocas é realmente um personagem apavorante... Mas acho que ele ficou mesmo na Europa, em Amsterdam ou em Bucareste, espalhando por lá os seus erros. Bem, o diabo é legião, não? E para ser sincero, ele anda trabalhando em bocado pelas bandas de cá. Assim sendo, o mal não poderia furtar-se de marcar presença em "O Advento", e infelizmente de modo mais destrutivo. Mas falando sério, imbecis desajustados vivem em toda parte. O que encontramos no livro são imbecis desajustados bem-nascidos, o que são, devido uma ambição desmedida, e hoje em dia justificada, ainda piores. O problema é quando alguém, pensando tirar vantagens de suas amizades, dá atenção ao que eles sentem e dizem. Após conhecê-los, não se escapa; a prisão é nas teias de sua vulgaridade. "O Advento" é uma história de amor, mas também de sacrifícios; pessoas matam para satisfazer ímpetos egoístas... E um bom romance não deve encarar o problema do mal sob uma ótica sociológica.

Paulo Briguet: Quem são as "pessoas fechadas para o divino" que você retrata no livro? Fale de alguns personagens como Semei, Margote, Aka Larência.

Karleno Bocarro: Não podemos ignorar a finalidade estética da epígrafe num romance: ao lado do título, ela nos fornece uma boa indicação do que teremos pela frente. A epígrafe de "O Advento" é um pequeno trecho do Segundo Livro de Samuel que fala de um homem chamado Semei que sai de casa para proferir maldições contra Davi, e todos os servos de Davi. Uma personalidade curiosa numa história impressionante! E o mesmo Semei reaparece em Primeiro Reis, mas com um fim nada auspicioso. Bem, Semei é o nome do personagem principal de "O Advento". Mas o meu Semei, por assim dizer, não profere maldições, ele as sofre, percebendo-as muito bem. Talvez até de maneira desnecessária, vindo na sua experiência de mundo um jogo de conspirações. Mas qual a razão desse comportamento? Semei leva consigo um problema de infância; foi molestado por um adulto... Uma das questões que levanto no livro é o modo como ele lida com esta imensa e injusta dor capaz de destruir para sempre a vida de uma criança. Demis Margote é o grande amigo de Semei. No entanto, ele não vê problemas numa iniciação sexual prematura, mesmo tendo sido esta violenta. Pelo contrário, o sexo para ele é como um sol escaldante, e apreciável, pois o leva a buscar saciações despropositadas. Aka Larência é a namorada de Semei, e mesmo não sabendo os detalhes de seu trauma lhe oferece uma saída responsável às suas dores: o relacionamento estável é lugar onde ele pode vencer os desafios apavorantes das paixões. Semei é, portanto, chamado a escolher entre o caminho turbulento proposto por Margote e o sossego oferecido por Aka.

Paulo Briguet: Yeats ("A segunda vinda") e Dante ("Inferno") foram matrizes poéticas de seu livro? René Girard foi a matriz filosófica? Se houver outras, mencione-as.

Karleno Bocarro: Sim, eu diluo os versos de W. B. Yeats nas descrições que faço de pessoas e lugares. Dante também está lá! Principalmente nas cenas em que a perda da alma roça os personagens de maneira perigosa: lugares plenos de desdém, ódio e desordem. A grande matriz filosófica, bem explícita na primeira resposta, é Søren Kierkegaard e sua visão da existência como uma possibilidade de nos transformarmos em algo melhor. E esta existência passa por três estádios, as quais pretendo refletir nessa trilogia: estético (em "As Almas que se Quebram no Chão"), ético (em "O Advento") e religioso (em "O Bosque do Meio-Dia"). É claro que o pensamento de Kierkegaard é mais rico e complexo do que esquematizá-lo numa teoria de três etapas. Há outras matrizes filosóficas – aquelas velhas parteiras de sempre que nos ajudam a dar à luz ao que importa num grande livro: enredo grandioso que prenda o leitor, discussões capazes de transformam a dor de viver em esperança, explicações úteis ao entendimento, etc. O Novo e o Antigo Testamento, Dostoiévski, Pascal, Santo Agostinho, Plutarco, são algumas dessas velhas parteiras.

Paulo Briguet: De que maneira você mantém a esperança em meio a temas tão sombrios? As personagens femininas representam essa possibilidade de redenção?

Karleno Bocarro: Sim, pois as mulheres, nos meus livros, enfrentam a vida; são pacientes para com seus amados, oferecem-lhes a redenção. No entanto, elas também sabem o momento de seguir em frente, ainda que muitas vezes sozinhas. Elas não insistem nos erros, nunca choramingam. Em meio a homens que não exigem que o desejo siga regras precisas, que adoram a companhia da miséria e da confusão, elas simbolizam a esperança. E isso não é pouca coisa, não é? Quero dizer, que os leitores se encantem com personagens virtuosos, pois não é meu propósito induzi-los a ter satisfação onde só há vergonha, escândalo e leviandade. Isso são caprichos de uma arte adolescente, que se recusa a amadurecer.

Paulo Briguet: Imagino que o livro faça uma corajosa descrição do hedonismo/materialismo de nossa época. O Brasil atual e a Alemanha Oriental pós-Muro têm mais semelhanças do que se pensa? (Vale lembrar que Lula, em 1990, criou o Foro de São Paulo com o objetivo de "recuperar na América Latina o que a esquerda perdeu no Leste da Europa").

Karleno Bocarro: Sim, há semelhanças. Ou melhor, vivemos a continuação do que aquele evento histórico trouxe à tona. Ora, há desdouro maior do que não pensar em autonomia? Todos esses aspectos doentios da cultura – o politicamente correto, o feminismo militante, a ecologia milenarista, o materialismo tosco – receberam ali impulsos significativos. Aceitar o fracasso do socialismo e assumir uma postura (adult!) de respeito à realidade exige um esforço intelectual que muitas pessoas recusam a fazer. Se antes era Moscou a lhes ditar a vida, hoje elas recebem orientação de ONGs, partidos políticos, líderes populistas, etc. Ora, uma pessoa assim, que segue tais correntes de pensamento é incapaz de bastar a si mesma, de descobrir a si mesma; jamais dependerá de si própria, e a sua maior felicidade é assemelhar-se a um bicho, agindo e pensando em bando. A multidão não é a mentira? Mas aquilo que nos importa, que dá um sentido aos nossos sofrimentos e mantém a esperança viva, não vem de um ser humano; vem do alto, vem de Deus, e nos afeta individualmente. Episódios recentes nos dão uma amostra do problema; os orfãos do Muro de Berlim odeiam qualquer forma de espiritualidade elevada: para eles, é inteligente proibir Dante Alighieri nas escolas, o crucifixo nos tribunais...

Paulo Briguet: Qual a importância dos temas da paternidade e do sacrifício para o enredo do livro?

Karleno Bocarro: A paternidade é o princípio ético que escolhi para dar conta de questões que levanto em "As Almas"... Aka Larência, a grande personagem feminina do livro, oferece a Semei – um homem que passa o livro fugindo de si mesmo, de um compromisso sério –, como uma solução aos tormentos que apavoram a sua alma, o amor. Ela deseja apenas uma vida simples, com filhos, ao lado dele... Uma decisão que não requer, para quem ama, muitos esforços, não é mesmo? Mas há no livro outra forma de sacrifício, além do sentido de um esforço próprio. Como observo um amigo meu, que leu o livro em primeira mão, por trás da relação amorosa entre Semei e Aka arma-se aos poucos, para que a vida de quem se preserva em sua baixa, da atmosfera mística para imolação de uma vítima. "O Advento" é um livro doloroso! Espero, contudo, que ele rompa o mar congelado de indiferença que habita dentro de nós.

🗨️ Comente!

🔗 link permanente

✉️ enviar por e-mail

📡 RSS

▼ compartilhar